

Flusser, o designer de futuros: entrevista com Norval Baitello Jr.¹

Anderson Gurgel Campos

Doutor, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil.
andersongurgel@hotmail.com

Maurício Ribeiro da Silva

Doutor; Universidade Paulista, SP, Brasil.
silva.mrib@gmail.com

Resumo

Em entrevista, o pesquisador Norval Baitello Junior faz um amplo relato da importância do filósofo Vilém Flusser para o entendimento do mundo em que vivemos, principalmente dadas as características do cotidiano atual. Ao comemorar o centenário desse pensador visionário e provocador, percebemos o quanto a obra de Flusser se mantém atual e urgente. Após o seu falecimento, em 1991, o pensamento desenvolvido por ele consegue iluminar reflexões sobre temas contemporâneos, como o mundo digital no qual estamos inseridos e a proliferação das imagens e seu impacto no comportamento humano. Além disso, podemos encontrar nas teorias do filósofo checo, que viveu décadas no Brasil, pistas para refletir sobre a condição humana até mesmo em tempos de pandemia e isolamento social, características que marcam o ano de 2020. É ponto central na entrevista, ainda, os trâmites que permitiram ao Brasil ser sede do Arquivo Flusser São Paulo, uma iniciativa espelho do original existente na Alemanha. Aborda-se, também, a relevância desse espaço e a sua contribuição para a evolução das pesquisas sobre a obra de um dos mais geniais pensadores do século XX, Vilém Flusser.

Palavras-chave

Vilém Flusser. Arquivo Flusser São Paulo. Centenário de Vilém Flusser. Norval Baitello Junior.

A grandiosidade da obra de Vilém Flusser, que completa 100 anos de nascimento neste fatídico 2020, mostra-se nos detalhes. Entre o início dos contatos para fazer a entrevista com o pesquisador Norval Baitello Jr. (PUC-SP), diretor do Arquivo Vilém Flusser

¹ Entrevista por Zoom – 18/05/2020.

São Paulo, para falar a respeito dos seus estudos sobre esse filósofo genial e polêmico e a entrevista propriamente dita, tudo mudou. O motivo, como não poderia deixar de ser, foi a pandemia do novo coronavírus (covid-19). Não só a pauta teve de ser revista como também a forma de se fazer a entrevista precisou ser repensada. Em 18 de maio de 2020, de maneira improvável no início dos trabalhos, a conversa foi realizada por meio da plataforma *Zoom*, uma ferramenta de videoconferência.

Apesar do contexto inesperado, o que se mostrou na entrevista é a necessidade, cada vez mais urgente, de pensar sobre Flusser e suas ideias. Quando o isolamento social arrebatou a todos, como uma tentativa de evitar o contágio da covid-19, as casas deixaram de ser somente espaços individuais e se transformaram em um pouco de tudo: escritórios, escolas, academias, palco para shows, local para amigos se encontrarem a distância etc. Nesse cenário, tornou-se impossível ignorar a influência das ideias flusserianas sobre as catástrofes e a casa perfurada.

A questão das três grandes catástrofes foi um dos pontos abordados na entrevista com Baitello Jr. Além disso, muito se falou sobre a crise do modelo de consumo, a produção de lixo e as imagens em profusão. Outro aspecto central nessa conversa foi o importante papel do Centro Interdisciplinar de Semiótica e Cultura da Mídia (CISC) na implantação do *Arquivo Flusser São Paulo*, um espelho do arquivo que está sediado na Alemanha, em Berlim, na Universidade das Artes.

Ao longo da conversa, Baitello Jr. resgatou o processo de trazer ao Brasil um acervo que, em grande parte, foi gerado por Flusser durante as três décadas que viveu no Brasil. O entrevistado mencionou, ainda, aspectos do homem que está atrás de obras de referência – como *A Filosofia da Caixa Preta* (1985) –, suas correspondências com intelectuais conservadores e artistas, além de suas críticas à ditadura brasileira. Contudo, o resgate proporcionado pela entrevista em questão vai além, pois mostra um pensador à frente do seu tempo no que se trata da capacidade de antecipar e construir cenários, dialogando com outros visionários contemporâneos. Revisitar Flusser, hoje, é urgente e pode ser um farol em tempos sombrios.

Para começar, gostaria de fazer uma contextualização. Como você, um dos principais estudiosos de Vilém Flusser no Brasil e no mundo, entende a

atualidade da obra dele nesses dias de pandemia da covid-19? O que ele teria para nos dizer sobre o mundo que vivemos nesse momento?

Resumindo e compactando, eu vou tentar desenhar um pouquinho quem é Flusser hoje. Para entender os 100 anos desde o seu nascimento, é importante lembrar que, entre 1920 e 2020, aconteceu muita coisa e, curiosamente também, duas pandemias. Esse período começou com a pandemia da gripe espanhola e esse centenário termina com outra pandemia, agora, da covid-19. E entre essas duas pandemias existiu uma pessoa chamada Vilém Flusser. Ele é uma pessoa de difícil enquadramento disciplinar. Os designers o adoram, o pessoal das tecnologias de comunicação e informação o adora, o pessoal da filosofia o adora, pessoal da literatura e artes, também. São muitos seguidores em muitas áreas. Trata-se de um autor com uma obra muito complexa e com muitas leituras cheias de vieses. Há gente da tradução que o vê como um exemplo para a área; o mesmo na literatura, nas artes, tecnologia e até nos [estudos sobre] games.

Seria interessante fazer um pequeno paralelo entre Flusser e alguns outros grandes pensadores do século XX nesse período, de 1900 até agora 2020. [Isso porque] são pensadores de difícil enquadramento dentro de uma moldura disciplinar. Começemos por Walter Benjamin, que não era só um filósofo, não era só um crítico de arte e cultura, [mas] era um leitor da cultura, era um cenarista fantástico. A ideia de construção de cenários em ciência foi a coisa mais importante que se criou ao longo do desenvolvimento científico da humanidade. Flusser também atuava nessa área, era um cenarista.

Outro exemplo que não se enquadra dentro de uma moldura disciplinar é a Aby Warburg. O pessoal da história da arte reivindica que ele é deles, mas o pessoal da antropologia está descobrindo os estudos de Warburg também. Todas as ciências da cultura, no fundo, vão descobrir que ele têm grande importância, e mesmo a história da ciência vem crescentemente descobrindo que, por trás daquela confusão vocabular que ele criava (eu falo isso no sentido positivo), era um criador de neologismos, porque os conceitos que ele estava pensando não existiam antes. O outro exemplo é um exemplo vivo, Edgard Morin, filósofo, sociólogo, educador e um ativista, assim como Flusser também pode ser enquadrado.

Eu diria que Flusser é um pensador multidisciplinar com toda a sua leitura de temas tão variados como falar sobre os gestos, sobre a caixa preta ou sobre a fotografia etc. Mas ainda assim vai ser uma leitura muito parcial de Flusser. Nós estamos descobrindo, em sua correspondência, que a variedade de assuntos que ele tratava é muito maior daquela que

está retratada nos livros que ele publicou. Essa é a importância dele hoje. Sobre a covid-19 e suas consequências drásticas para a sociabilidade e para a comunicação entre as pessoas, Flusser parece ter desenhado, com todas as cores, a situação em que vivemos quando ele apresenta o conceito da nulodimensionalidade (FLUSSER, 2007), a transferência da vida para as telas.

Aproveitando a questão dos materiais inéditos, gostaria de saber como foi a escolha de São Paulo para ser uma versão-espelho do arquivo Flusser que está na Alemanha. Por que São Paulo? E por que o CISC, grupo criado por você, para liderar esse projeto? Fale sobre a conexão do seu trabalho e do CISC com o arquivo Flusser e com as ideias desse genial pensador.

É uma pergunta importante. De todos os escritos de Flusser, reunidos ao longo de sua vida por sua viúva – Edith Barth que depois assinaria como Edith Flusser –, 80% do que está em seu arquivo está escrito em português (sobretudo uma vasta e rica correspondência). A rigor, o seu arquivo deveria estar no Brasil desde o começo; ele se declarava brasileiro, mesmo depois que voltou para a Europa em 1973. Embora ele tivesse nascido em Praga, embora ele morasse na França, embora ele fosse judeu, ele se apresentava sempre como brasileiro.

Nós temos todos os motivos para considerar Flusser como um pensador brasileiro. A formação de seu pensamento maduro aconteceu em diálogo com o ambiente cultural do Brasil dos anos 1940 aos 1970, conforme ele mesmo testemunha em sua autobiografia. Como nós conhecemos muito bem o desprezo que o Brasil tem por sua história e por sua ciência, podemos entender porque a viúva, anos depois da morte de Flusser, aceitou a proposta dos alemães de ceder esse arquivo para que ficasse lá e assinou um contrato com a Escola Superior de Artes da Mídia, de Colônia, na Alemanha.

O reitor-fundador, Siegfried Zielinski, fez um contrato em que se garantia que o acervo seria bem cuidado, aperfeiçoado e organizado sob cuidados da instituição de Colônia, no começo dos anos 2000. O Arquivo Flusser se tornou uma meca de pesquisadores do mundo todo, e muitos brasileiros precisavam ir para lá para pesquisar, ler as coisas em português que estavam na Alemanha. Eu visitei o arquivo em 2004-2005, [quando] já conhecia Zielinski, pois já o havia convidado para participar de um evento em 1997, em São Paulo, com um reencontro em Berlim, em 2001 – tínhamos um grande amigo em comum,

Dietmar Kamper. Ele reconhecia essa lacuna das pesquisas flusserianas no Brasil e foi ele que sugeriu a Edith Flusser - que eu também havia conhecido na Alemanha, em 2005 -, que ela autorizasse a vinda de um arquivo-espelho para o Brasil.

É importante salientar que o arquivo em Colônia era uma reunião de papéis e materiais não-digitalizados. As pessoas entravam no arquivo e ficavam dentro do arquivo sozinhas, às vezes o dia inteiro, porque a arquivista tinha um contrato parcial de trabalho. Começou a se notar que estavam sumindo documentos desse arquivo. Foi quando Edith Flusser entrou em contato comigo e com o Zielinski e ambos propuseram a ideia do Arquivo Flusser em São Paulo. Eu entrei com um projeto na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pedindo verba para digitalização de todo o acervo e a aprovação do projeto, juntamente com o apoio do Instituto Goethe, [o qual] tornou possível o trabalho de uma equipe por seis meses em Berlim para digitalizar cuidadosamente todos os documentos, garantindo, assim, sua preservação e seu acesso universal.

É importante dizer que não existe agora o “original”, os originais tiveram um destino trágico, pois as folhas eram em papel de seda. Flusser escrevia tudo com papel carbono, tudo à máquina e a cópia de trás em papel de seda, que é muito frágil. Por causa disso, foi tomado o cuidado de colocar isso [as folhas em papel] no lugar mais seguro da Alemanha, o Arquivo Histórico da Cidade de Colônia, onde estavam todos os documentos de 2000 anos da história da cidade de Colônia. Todos os papéis-carbono foram xerocados para deixar no Arquivo Flusser e os “originais” (as cópias-carbono) foram para o Arquivo da Cidade. Em 2008, aconteceu uma tragédia. Na construção do metrô da cidade de Colônia houve um desmoronamento e o arquivo todo foi para o buraco do metrô, com os originais de Flusser. Calcula-se que levará 50 anos para o resgate e a restauração dos documentos lá arquivados.

A notícia boa é que o dano nas caixas dos documentos de Flusser foi considerado de grau um, poeira de cimento concreto e cal, alcalinos que corroem papel, então não se sabe ainda o que será possível resgatar desses originais. Depois disso, o que temos hoje é o que está digitalizado a partir das cópias xerocadas que estavam em Colônia e este material digitalizado se encontra integralmente em Berlim e, também, em São Paulo.

Então, essa é a história sobre como o arquivo veio para a PUC-SP, para os cuidados do CISC e para as minhas mãos. Eu já tinha uma interlocução e cooperação com a Universidade de Colônia e já tinha um trabalho de pesquisa sobre Flusser e, depois, com a Universidade das Artes de Berlim.

Quando foi essa vinda ao Brasil?

Ocorreu em 2012/2013 todo o processo de digitalização. Nos anos seguintes, imprimimos tudo para termos uma cópia em papel e reordenamos os escritos em pastas para facilitar o acesso presencial aos documentos. Em 2018, colocamos tudo online, mas ainda não foi possível um arquivo para visita física por conta do alto custo de infraestrutura para o recebimento e o atendimento de pesquisadores presenciais.

Entrando no universo das pesquisas, no caso da relação de Flusser com o Brasil, como o acervo digital do arquivo ajuda a entender essa relação? Quais pistas ele dá para entender o processo histórico do país e o atual momento que vivemos?

O conceito é de que o arquivo Flusser é um lugar de pesquisa e que ajuda na tarefa de mostrar que ele ainda está vivo hoje no Brasil, muito vivo. Conhecemos pessoas que foram alunos e alunas dele, gente que viu palestras dele, que teve contato com a presença e a atividade intelectual dele. Quando digo que o arquivo tem a tarefa de resgatar testemunhos e depoimentos, [falo em] performances durante as aulas e depoimentos que se perdem. No arquivo, a tarefa é continuar reunindo documentos sobre Flusser, papéis e cópias perdidas que ele entregou a amigos e pessoas que viram suas conferências, papéis que não estavam na Alemanha porque não tinham sido reunidos, ou porque sumiram.

Estamos reunindo esse material até que a gente possa comparar com os originais de Colônia daqui uns 50 anos. Vamos acrescentando à parte escrita, que são esses papéis, a parte oral dos depoimentos que estamos pouco a pouco reunindo. Recebemos uma doação de Ricardo Mendes, um ativo pesquisador de Flusser. Ele fez entrevistas com pessoas que morreram e doou esses depoimentos que já estão online. Continuamos fazendo entrevistas com outras pessoas que estão vivas e foram alunos [de Flusser], que interagiram com ele em algum momento. Recebemos também, recentemente, uma importante doação da família, com os documentos que ainda eram conservados por Edith Flusser

Flusser foi muito importante para a Fundação Bienal, para a Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e para a [Escola] Politécnica da USP. [Ele] foi um grande interlocutor do Instituto Goethe, em São Paulo, uma presença constante em muitos círculos intelectuais brasileiros. Teve muita gente que assistiu Flusser e estamos juntando esse material em uma tarefa imensa para um país [que está] sem verba para pesquisa científica.

Estamos fazendo aos poucos, sempre com ajuda do Instituto Goethe, da Fapesp, do SESC e da própria PUC-SP, que mesmo com toda a sua limitação orçamentária, também já investiu e financiou diversos projetos referentes ao arquivo.

Nesse momento, eu aproximo a missão do Arquivo Flusser com a missão do Arquivo Warburg, guardadas as devidas dimensões. O Instituto Aby Warburg tem 350 mil livros, nós temos 35 mil documentos, há uma diferença de zeros. A Biblioteca Warburg, com seus 350 mil livros, não recebe leitores ocasionais, [pois] só entra lá [quem tem] um projeto de pesquisa aprovado pela própria biblioteca. Assim, o nosso arquivo Flusser é uma instituição de pesquisa.

Talvez a gente pudesse também repensar uma aproximação entre o pensamento de Warburg e o de Flusser. Não consta, pelo menos na parte que eu li de toda a correspondência de Flusser, nenhuma referência a Warburg. Descobrimos referências muito raras, por exemplo, ao filósofo japonês Tetsuro Watsuji, que eu achava que ninguém no Brasil havia ouvido falar nesse filósofo, que é o pensador da paisagem. E Flusser, numa carta ao Miguel Reale, menciona “aquele filósofo japonês da paisagem”. É muito provável que Flusser tivesse conhecimento de Warburg, também porque viveu um ano em Londres. Mas quando ele morreu em 1991, a obra de Warburg estava sendo recém-descoberta, pois ele era conhecido só pela sua biblioteca e não pelo seu pensamento, mas o paralelo entre os dois era imenso, eram pensadores universalistas e pluridisciplinares.

Warburg tinha um espectro de interesses imensos, de ciência medieval a tecnologias da imagem moderna, gostava também de dança. Flusser - guardada as devidas proporções, Warburg morreu em 1929. Flusser nasceu nove anos antes da morte dele [de Warburg], e morreu em 1991. Ele viveu o mundo da explosão tecnológica da comunicação e do pensamento midiático, que Warburg estava apenas começando a intuir. Warburg escreve sobre o selo postal, ele projeta os selos para a República de Weimar. O pensamento midiático foi detectado por Warburg e depois foi tratado com total atenção por Flusser. O que mais aproxima os dois é a consciência de que vivemos numa era profundamente midiática.

Observando a obra de Flusser, sabemos que a maioria desses documentos ainda não estão publicados. O que conhecemos hoje parece ser a ponta do iceberg: livros como A História do Diabo (2012), Filosofia da Caixa Preta

(1985), *Língua e Realidade* (2012) etc. que trazem contribuições importantes, mas escondem, também por sua relevância, outros materiais com grande potencial de impacto. Se por um lado esses livros são muito citados, não identificamos muitas referências a obras como *Comunicologia* (2015), publicação mais recente e menos conhecida do público geral, como se na perspectiva dos pesquisadores tenha ocorrido a consolidação do pensamento de Flusser dentro dos limites já conhecidos. Considerando, agora, o acesso a outras caixas (aquelas guardadas no Arquivo Flusser São Paulo), se esses primeiros livros mais conhecidos já trazem grande contribuição originada em um Flusser mais jovem, questiono para onde ele caminhava quando faleceu naquele acidente de carro em 1991. Para onde estava mirando o Flusser maduro?

Tem livros que ele deixou inacabados, na Alemanha. Um deles se chama “Hominização” e o outro se chama “Do Subjeto ao Projeto”. Não se tratava apenas de esqueletos, [pois] tinham uma parte substancial do que seria seu livro final. Ele estava caminhando na direção da construção de cenários futuroológicos e arqueológicos. Nos últimos anos de vida, ele vinha debatendo isso com seus principais interlocutores de cartas como Miguel Reale, José Bueno e Rodolfo Geiser.

Rodolfo Geiser é um paisagista brasileiro ainda vivo e muito ativo, esteve na exposição “Flusser e As Dores do Espaço”, no Sesc Ipiranga, em 2017, e manteve com Flusser uma importante correspondência sobre ecologia. Flusser, no caso, criticando o modelo de pensamento dos movimentos ecológicos. Rodolfo Geiser acentua que Flusser ensinou algo fundamental, que precisamos pensar por modelos, não podemos pensar solto, precisamos construir modelos de pensamento, inclusive para a ecologia.

Flusser estava caminhando cada vez mais para a construção de cenários de mundo. Caso tivesse sobrevivido mais, provavelmente, ele teria antecipado pelo menos em alguns anos esse cenário da covid-19, já que ele estava trabalhando em um grupo de estudos de futurologia na França. E o José Bueno até lhe responde: ‘isso é coisa de cigano’. Flusser rebate: ‘você [es]tá enganado, futurologia é construção de cenários’. A futurologia é a ciência da construção de cenários e imagens.

Esta era uma de minhas perguntas: por que essa definição de futurologia é a consubstanciação da imagem projetada? O que ele fala da imagem técnica, da imagem como projeto e não como reflexo?

Outra coisa muito importante para a pesquisa de Flusser, hoje, é abandonar os velhos chavões e achar que Flusser era só o teórico da fotografia ou da comunicologia. Flusser não tem território. Ele dizia ser um apátrida, ele polemizava acirradamente nos eventos que participava, pois dizia que “o homem não precisa de uma pátria, mas sim de um teto sobre a cabeça”. Ele falou isso em um dos Seminários do Celeiro, na Alemanha, diante dos grandes intelectuais da época convidados por Harry Pross. Ele também se recusava a falar diante de uma bandeira nacional. Ele mandava retirar todas as bandeiras dos locais onde palestrava. Isso, também do ponto de vista disciplinar, é uma atitude de vida, um posicionamento.

Aproveitando a visão do Flusser apátrida e a questão do teto, nós temos duas questões muito interessantes que se conectam ao momento da pandemia, a uma sensação de que esse mundo globalizado talvez perca sentido que, ao mesmo tempo, está atrelado ao isolamento social. Então, lembramos de Flusser (2008) ao falar das “três catástrofes” que a humanidade já sofreu. Como essas ideias se conectam com o mundo sem fronteiras e esfacelado pela pandemia atual?

Gostaria de fazer um complemento a esta questão. No conceito de futurologia, a catástrofe é um elemento pulsante do pensamento flusseriano (FLUSSER, 2008). Sempre que tratamos da terceira catástrofe, do nomadismo e do “vento na informação”, sempre pensamos muito na casa e na ênfase que é dada por Flusser ao pensamento tecnológico. Nessa imagem, alguns elementos parecem passar despercebidos em sua potência. O conceito de catástrofe me parece ser um deles, pois quando Flusser aborda a perspectiva da terceira catástrofe, indicando que estava

em curso nestes tempos, observamos que pesquisadores e alunos a tratam como algo datado, visto que no momento a casa já foi perfurada. O vento da informação já chegou. Quando inserimos as discussões ecológicas da atualidade no contexto da terceira catástrofe, fica mais nítido pensar que ela está de fato em curso, ao mesmo tempo que confere maior relevância ao pensamento ecológico em detrimento do tecnológico. Gostaria que você, nessa resposta acerca das catástrofes elucidasse esse cenário. Tenho a compreensão de que o Flusser visto pela perspectiva tecnológica se mostra mais estratificado, duro e fechado ao passo que um possível olhar ecológico transforma o papel da própria tecnologia, tornando-a um mero detalhe.

Exatamente. Estamos diante de um tema central para Flusser: O *oikos*, que é a casa. No livro *Ende der Geschichte Ende der Stadt?* (1992), de uma conferência de Flusser em Viena, ele falava de *oikos* que, em grego, significa *a casa onde a gente mora*. Do ponto de vista da catástrofe, da casa física, que foi a terceira catástrofe que constituiu a dissolução da casa, desmanchamos a casa, pois ela virou um lugar absolutamente devastado pelo que ele chama de “furacão da mídia”, a destruição do *oikos*, que também podemos entender como meio ambiente e grade disciplinar da ciência. Ver Flusser como o profeta da tecnologia é um equívoco, ele não estava falando sobre tecnologia, [mas sim] sobre o *oikos* e o ambiente da tecnologia.

Voltando para a catástrofe, ele dizia que a terceira seria tão nova que sequer teria nome. Flusser, como Warburg, não queria colocar dentro de uma casinha aquilo que escrevia. Ele escrevia sobre os gestos, sobre a própria escrita, sobre Pelé, sobre as máscaras e até mesmo sobre o sal, tudo aquilo que de alguma maneira afetava nosso *oikos*. A terceira catástrofe está em curso pleno. Falemos de datação das catástrofes: na primeira, a hominização gerou o nômade, [que durou] muitas centenas de milhares de anos; depois, a civilização e o nosso assentamento nas cidades durou apenas 10 milênios, o que possibilitou a criação e a difusão, a universalização da escrita. Eu acho um conceito central da obra de Flusser a questão das “ciências arqueológicas”: Para construir futurologia, nós temos que buscar raízes mais profundas, uma árvore muito grande precisa ter um sistema radicular

muito profundo e estar muito bem implantada para que ela possa crescer. A arqueologia da escrita constitui uma de suas contribuições mais originais para entendermos nosso tempo, um tempo de telas e imagens.

A terceira Catástrofe começou agora, recentemente, com a destruição do *oikos*, onde somos expulsos de casa, não literalmente. Mesmo nos períodos em que saíamos de casa e voltávamos para ela, a questão se tratava de estarmos devassados, completamente invadidos em nossa intimidade, levando o celular até mesmo para o banheiro. Nossas casas reúnem mídias e aparatos que nos seduzem para viajarmos, ou seja, para abandonarmos nosso *oikos*. Então, a pandemia da covid-19, em breves palavras, é um coroamento da terceira catástrofe, onde estamos expulsos do nosso *oikos*, definitivamente, ao mesmo tempo em que estamos confinados em uma habitação que já não é mais nossa, já não nos abriga das “intempéries”. Ela [a catástrofe] nos arrebatou pelo lado mais civilizado, o lado sedentário e que busca proteção, mas que também foi expulso para o mundo desafiador e arriscado da vida nômade. A doença do *oikos* evidencia que o vírus percebeu os pontos em que somos mais frágeis.

De certa maneira, essa situação provocada pela terceira catástrofe leva a questionar sobre como Flusser fala do consumo. Me parece antológico o texto A Consumidora Consumida (1972) e toda a discussão que ele propõe. Na questão do isolamento, parece que o consumo se torna mais excessivo nas imagens, a ver que nos falamos por imagens, a distância, uma vez que é impossível o encontro presencial. Nos estudos atuais de Flusser, como você percebe a questão do consumo? No cenário pandêmico, agrava-se ainda mais a preocupação com esse aspecto?

A questão do consumo é tratada em poucos livros dele. É curioso que se trata de uma questão tão central na sua preocupação, porque ele era crítico da sociedade de consumo, mas nos livros ele não expressa essa crítica declaradamente. Contudo, nos textos e correspondências isso fica bem claro, principalmente nos das últimas décadas [de sua atuação]. A definição de sociedade de consumo era questionada por ele, pois é uma sociedade incapaz de consumir tudo o que produz e, por isso, produz muito lixo. Isso foi, inclusive, o tema que nós do Arquivo Flusser realizamos, em 2019, com a Universidade de

Córdoba, na Argentina, sobre Natureza, Cultura, Basura, que era uma definição importante para Flusser.

A sociedade do consumo produz lixo e destrói a nossa casa, o nosso *oikos*. Qual a reação do homem diante da destruição dela? O florescimento de uma ciência do lixo não é a ciência da reciclagem. Ele vai falar sobre o lixo cultural, mental, intelectual, civilizacional, no sentido mais amplo. Vamos dizer que 99,9% não se deram conta que Flusser estava propondo e praticando uma ciência arqueológica no sentido de que ‘temos que estudar esse lixo, o que está destruindo o nosso *oikos*, o que está entulhando nossa casa, nossa vida’.

Nós, como jornalistas, sabemos o que é isso, o que é esse entulho de informações não consumidas. O próprio excesso de informação se transforma em algo não digerível, mesmo a informação de qualidade, é algo que não é processado quando excessivo. O pensamento de Flusser é sobre o *oikos* e a ciência arqueológica estuda como esse *oikos* se degradou.

Ainda sobre a ideia do oikos e sobre as catástrofes, por mais que Flusser construa imagens que em algumas situações remetem a cenários duros, observamos que são permeadas por certa poética que amplia as possibilidades de significação vinculadas aos conceitos que apresenta. Por exemplo, ao tratar de imagens técnicas, a questão central não parece ser a própria técnica, pois são imagens criadas de forma imaginativa. Podemos observar essa questão na recente greve dos caminhoneiros que se desdobrou no Brasil, a qual demonstrou que o rompimento dos fluxos, informacionais ou materiais, nos colocam diante da catástrofe. Naquela circunstância, percebemos que o espaço parece de fato ser crucial ao se aproximar das discussões de Flusser. Na crise, quando se tem espaço, é possível reimaginar a realidade.

Pessoas que moram em chácaras e sítios, por exemplo, não sucumbem à crise de desabastecimento de itens básicos porque seu espaço apresenta condições para criação de animais e alimentos que garantem o sustento. Nesse ponto de vista, para aqueles que estão na

cidade, por mais que possuam varandas gourmet, a crise bate à porta em questão de dias. Pensando urbanisticamente, trocamos casas com quintais e galinheiros por apartamentos sobrepostos, lugares sem espaços e sem os recursos, a não ser os tecnológicos. Na futurologia de Flusser, não está o ato de caminhar além das questões da técnica? O passo do neo-nômade não tem relação com o reconhecimento do valor do espaço, não só físico, mas também aquele associado ao pensar, ao recompor as dimensões perdidas até recobrar o espaço pluridimensional, o scanning. Essa crise do oikos é a do scanning, a ausência desta capacidade de recomposição?

Isso é interessante porque faz total sentido a crítica que ele faz da sociedade da produção que precisou produzir consumidores. [...] [Contudo], pessoas com espaços não precisam ser consumidores, mas morando nas caixinhas você precisa consumir tudo. Há uma longa cadeia produtiva [que é construída desde] o caminhoneiro que leva o ovo da granja ao supermercado, o empacotador do supermercado, a caixa etc. Então, nossa sociedade que destruiu o *oikos* funciona se todo mundo consumir; se as pessoas param de consumir acontece [o que estamos vendo] com a pandemia. A maior catástrofe venha, talvez, a ser o pós-vacina do coronavírus, que é a reconstrução de toda essa parafernália de produção de mais lixo.

Gostaria de explorar outra dimensão. É famosa a celeuma entre Flusser e os filósofos de sua época. Para os críticos, ele era visto como um pensador de direita que escrevia no jornal O Estado de São Paulo, cujo histórico é conservador, e estava ligado ao Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) onde os pares não atuavam na perspectiva marxista muito presente naquele período da ditadura – década de 1970, quando ele escrevia no Brasil. Ao mesmo tempo, sabemos que há materiais que demonstram um pensamento muito crítico de Flusser ao cenário político conservador. No

conjunto de materiais compostos por cartas e correspondências que ainda não vimos publicados e desdobrados, quais as perspectivas para compreender quem era Vilém Flusser?

Isso é interessante porque é uma questão muito atual. Disseminou-se no Brasil a ideia de que Flusser era um sujeito de direita pela proximidade do IBF, que era de fato uma instituição de direita, além da interlocução com personalidades como Miguel Reale e Milton Vargas, também defensor da ditadura, e do próprio Vicente Ferreira da Silva, que morreu em 1963, antes da ditadura e também era um conservador do ponto de vista político. Então, todos eles vinham da área do Direito e havia, também, jornalistas associados ao Estadão também, onde ele encontrou abrigo.

Todavia, suas correspondências mostram – principalmente as [mensagens trocadas] com Miguel Reale – que ele não poupou críticas à ditadura, como também [é perceptível nos conteúdos escritos] para José Bueno e nas cartas para Rodolfo Geiser. O estudo das correspondências de Flusser mostra, principalmente depois que saiu do Brasil, uma visão muito crítica à ditadura. No entanto, é importante frisar que Flusser se recusava a entrar em qualquer casinha. Ele não se colocava dentro da rubrica da esquerda, a qual, no Brasil, construiu um espaço de resistência que, hoje, nós vemos a importância, mas ainda [assim] foi insuficiente para evitar os desdobramentos atuais. Talvez, sua proposta de “prática da intersubjetividade” (como enfatiza sempre em sua correspondência) estivesse tentando uma terceira via de atuação política, social, cultural. [Será que] a falta de espaço para [essa terceira via] tivesse sido o fator decisivo de seu segundo exílio?

Flusser se recusava a entrar na trincheira da esquerda ou da direita e criticava as pessoas que estavam ali, por isso essa má fama a seu respeito se disseminou, sobretudo como forma de desqualificá-lo. Há outro fator curioso que descobri recentemente. Em uma entrevista de um dos interlocutores de Flusser, o cineasta que trabalhou na FAAP, chamado Herbert Duschenes, que também era judeu e de Praga, alguns anos mais velho que Flusser, e ele dizia que Flusser morria de medo de ser preso.

As pessoas que viveram essa época [da ditadura] sabem, por experiência própria, [do medo de ser preso]. Aquelas que não viveram [diretamente, ao menos] acompanharam em relatos e escritos da história o quão perigosa foi essa época. Flusser tinha medo porque vinha de uma história pessoal traumatizante. Quando chegou no Rio [de Janeiro] soube que sua mãe, seu pai e sua irmã tinham sido assassinados em campos de concentração. É importante pensar no seu lado frágil, sua psique, para essas questões. Pensar como ele se

sentia protegido fora das casinhas, mas estando próximo de pessoas importantes e influentes da direita. Mesmo tratando respeitosamente o Reale, as críticas que fazia à ditadura para ele são bastante incisivas.

Ao se comemorar 100 Anos de Vilém Flusser, apesar da pandemia, o que podemos esperar de novas pesquisas e livros sobre Flusser?

As publicações de livros de Flusser sofreram muito no mundo todo, porque muitas coisas foram publicadas como livros seus e, na verdade, eram coletâneas, não foram escritas como livro. Muita coisa foi publicada sem o rigor da revisão, por isso alguns livros publicados e reeditados de Flusser, depois que ele morreu, têm erros crassos. Agora esse problema está sendo resolvido por uma edição amplamente séria que a Editora É Realizações está organizando por dois pesquisadores, o Rodrigo Maltês Novaes e Rodrigo Petrônio, que têm um programa de edição sobre a completa obra de Flusser. No Arquivo Flusser, nosso trabalho não é editar, mas sim pesquisar. O arquivo só foi possível graças a um centro de pesquisas que nós temos há mais de 20 anos na PUC-SP, o Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC).

Atualmente, o Arquivo [se encontra] muito ativo e deve isso a uma diretoria de pesquisas e de projetos muito dinâmica e competente, [representada pela figura de] Diogo Bornhausen, diretor de pesquisas, e de Alex Heilmair, diretor de projetos. Eles têm se desdobrado ao meu lado para tornar o Arquivo uma fonte viva de novas pesquisas. Por meio desse arquivo, continuamos com a força organizadora e realizadora para levar adiante o resgate do pensamento e dos trabalhos de Vilém Flusser.

Referências

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta – Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FLUSSER, V. **Ende der Geschichte Ende der Stadt?** Vienna: Picus, 1992.

FLUSSER, V. **O Universo das Imagens Técnicas – Elogio da Superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, V. **Pós-História**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

FLUSSER, V. **Mundo Codificado – Por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

FLUSSER, V. **A História do Diabo**. São Paulo: Annablume, 2012.

FLUSSER, V. **Língua e Realidade**. São Paulo: Annablume, 2012.

FLUSSER, V. "A Consumidora Consumida". **Revista Comentário**, [S.l.], v. 13, n. 51, p. 45-46, 1972.

FLUSSER, V. **Comunicologia** – Reflexões sobre o Futuro. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

Flusser, the future designer: interview with Norval Baitello Jr.

Abstract

In an interview, researcher Norval Baitello Junior spoke about the importance of Vilém Flusser contribution in the understanding of the contemporary world. His way of thinking, being visionary and provocative is still actual and imperative at his centenary's birth celebration to be completed next year. Flusser died in 1991 but his ideas are able to enlighten contemporary reflections on actual themes, such as the digital world and technical images impact on human behavior. He was a Czech philosopher that lived a while in Brazil. We can also find in his theories, as Baitello Jr. said, some clues to think about the human condition – even in times of pandemics, which marks the 2020 year. In addition, central to the interview are the procedures that allowed Brazil to be host of São Paulo Flusser's Archive, the mirror initiative of the original one existing in Germany. Furthermore, the interview shows how this important space has been contributing to the evolution of research about the work of one of the most brilliant researcher and thinker of the 20th century.

Keywords

Vilém Flusser. Arquivo Flusser São Paulo. Centenário de Vilém Flusser. Norval Baitello Junior.

Recebido em 20/08/2020

Aceito em 29/08/2020

Copyright (c) 2020 Anderson Gurgel Campos, Maurício Ribeiro da Silva. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

